

Mídia  
Data  
Evento  
Página

Web  
11.Fev.2026  
100 Sóis  
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2026/02/beatriz-milhazes-leva-o-seu-carnaval-de-abstracoes-para-exposicao-em-salvador.shtml>

Veículo  
Autor  
Artista

Folha de São Paulo  
João Perassolo  
Beatriz Milhazes

B4 QUARTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2026

FOLHA DE S.PAULO ★★

ilustrada



## Beatriz Milhazes leva o seu Carnaval abstrato para exposição em Salvador

Mostra no Museu de Arte da Bahia repassa três décadas da carreira da carioca, um nome central do Brasil no cenário artístico mundial, com pintura, colagem e instalação

João Perassolo

**SALVADOR** Durante a pandemia, sem poder trabalhar no ateliê por causa das restrições da época, Beatriz Milhazes fez fotos de algumas de suas pinturas inacabadas e levou para casa. As imagens foram o estopim para um novo jeito de criar — ela passou, pela primeira vez na carreira, a desenhar o que depois iria para o quadro, como um arquiteto a projetar um

espaço que ainda não existe. Quando a pandemia abriu e ela reabriu o ateliê, percebeu ser possível transpor os desenhos, com fidelidade, para as telas de grandes dimensões que está acostumada a fazer. "O desenho tem certa intimidade, é mais introspectivo. A pintura é muito viril, física, mesmo pequena", ela afirma, ao comentar "O Giro das Águas I", uma obra do ano passado criada a partir de um projeto.

Inédita, a pintura está exposta agora no Museu de Arte da Bahia, na primeira mostra da artista em Salvador, em cartaz até o final de abril. O curador Tiago Mesquita selecionou 22 trabalhos de 1993 até os dias de hoje para dar conta da carreira da carioca, uma grande expoente da arte abstrata que vive um ótimo momento internacional — ela expôs no ano passado no Museu Guggenheim, em Nova York, depois de desenvolver

**Os trabalhos de Beatriz Milhazes, agora com a sua primeira mostra em Salvador, são caleidoscópios de formas geométricas em cores saturadas, círculos que tentam se mexer, mandalas que enchem o lugar**

um projeto especial para o Pavilhão de Artes Aplicadas, em Veneza, na Itália, uma colaboração entre o Victoria and Albert Museum, de Londres, e a Bienal de Veneza.

A mostra na capital da Bahia se debruça sobre pinturas, mas há também colagens e uma instalação. Os trabalhos de Milhazes são como as imagens que surgem quando você fecha os olhos e os aperta com os ossinhos das dobras dos dedos — caleidoscópios de formas geométricas em cores saturadas, círculos que parecem se movimentar embora estejam estáticos, mandalas que se expandem por todos os espaços.

São "formas trabalhadas individualmente, que têm uma luminosidade muito intensa", afirma o curador. A artista complementa que as suas obras, embora pareçam espontâneas, são racionais. *Continua na pág. B5*



Mídia  
Data  
Evento  
Página

Web  
11.Fev.2026  
100 Sóis  
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2026/02/beatriz-milhazes-leva-o-seu-carnaval-de-abstracoes-para-exposicao-em-salvador.shtml>

Veículo  
Autor  
Artista

Folha de São Paulo  
João Perassolo  
Beatriz Milhazes  
beatriz-milhazes-leva-o-seu-carnaval-de-abstracoes-para-exposicao-em-salvador.shtml

FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★

QUARTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2026 85

ilustrada



Continuação da pág. B4

Um olhar mais atento revela a cuidadosa organização dos muitos elementos de cada composição, resultantes de um pensamento cartesiano e de uma maneira de pintar inventada por Beatriz Milhazes e chamada de "monotransfer".

Primeiro, ela aplica a tinta sobre uma folha de plástico e espera secar, para em seguida colar essa película sobre a tela da pintura, num jeito de pintar de maneira indireta. O resultado são cores lisas, chapadas, ou, como em muitas de suas obras, com pequenas imperfeições que acontecem na hora de transferir o pigmento de uma superfície para a outra. Tais imperfeições fazem parte dos trabalhos, não são falhas.

O ambiente expositivo no Museu de Arte da Bahia, uma sala no segundo andar do palacete de 1918 que estava sem uso há

algum tempo, cria um contraste bruto com as cores fortes dos quadros. Com seu piso inacabado de cimento, o espaço não se parece com o tradicional cubo branco estéril onde geralmente vemos arte, e tanto as obras de Milhazes quanto o espectador ganham com isso.

Partindo da arquitetura desse lugar, a artista interveio nas janelas que dão para a rua, uma via bastante movimentada de veículos e pessoas. Ela fez para o museu uma nova versão de um trabalho apresentado originalmente na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2008, colando vinis sobre os vidros, de modo que a luz do sol, ao incidir, projeta no chão as cores dos adesivos — é um trabalho vivo, que muda de tonalidade de acordo com o horário do dia.

Com quase 40 anos de carreira, sendo 30 deles expondo mundo afora, Milhazes lembra as difi-

culdades que enfrentou para ascender no cenário internacional a partir dos anos 1990. Ela relata não ter sido fácil, como mulher de um país periférico querendo entrar na pintura — "que é muito masculina e que fez a história da arte", diz — com suas telas abstratas carregadas de referências à arte popular e ao Carnaval.

"Pisei em ovos. Não queria parecer que eu estava trazendo um estereótipo. Imagina, uma mulher latina falando de Carnaval, vão achar que eu vou chegar de biquíni dançando", ela afirma, acrescentando que seu objetivo era não omitir sua origem nem seu apreço pela tradicional festa de fevereiro e, ao mesmo tempo, tratar disso de uma forma mais séria. "Estou falando da minha cultura, porque essa eu conheço".

Ela relata ainda ter sido esnobada pela crítica da década de

**Beatriz Milhazes fez para o museu, um palacete do século passado, uma nova versão de um trabalho em que colou vinis coloridos sobre os vidros, de modo que a luz do sol, ao incidir ali, projeta pelo chão as cores desses adesivos. É um trabalho vivo, que vai mudando de acordo com o passar das horas**

**Seu trabalho, uma visão geométrica do Carnaval, busca traduzir sua energia**

1980, que sugeria a ela que tirasse das telas os pedaços de chitão, um tipo de tecido, e deixasse na composição só as formas geométricas. Mas o jogo mudou, e a artista reconhece que, sozinha, não teria ido tão longe quanto chegou.

Milhazes menciona o esforço do galerista Marcantonio Vilaça em levar talentos brasileiros — dentre os quais ela estava incluída — para as feiras de arte fora do Brasil e um texto de Roberta Smith, sobre a sua primeira exposição em Nova York, há 30 anos, uma crítica que ela afirma ter aberto muitas portas para o seu trabalho.

O jornalista viajou a convite da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel

**Beatriz Milhazes**

**ONDE** Museu de Arte da Bahia - av. Sete de Setembro, 2.340, Salvador **QUANDO** De ter a dom., das 10h às 18h, até 26 de abril. **PREÇO** Grátis